

S A N D I L Y N N

Best-seller do New York Times

Nós para sempre

∞ Trilogia Forever livro 3 ∞

*Diante de desafios inesperados,
o que será mais forte: o temperamento
que os afasta ou o amor que os une?*

valentina 

Nós para sempre

TRILOGIA FOREVER

Black
para
sempre

LIVRO 1

Você
para
sempre

LIVRO 2

Nós
para
sempre

LIVRO 3

S A N D I L Y N N

Nós para sempre

Tradução
Kenya Costa

valentina 

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

Copyright © 2013 by Sandi Lynn
Publicado mediante contrato com Browne & Miller Literary Associates, LLC.

TÍTULO ORIGINAL
Forever Us

CAPA
Marcela Nogueira

FOTO DE CAPA
Steven Lam | Getty Images

DIAGRAMAÇÃO
FA studio

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA: FERNANDA PINHEIRO DE S. LANDIN CRB-7: 6304

L996n

Lynn, Sandi

Nós para sempre / Sandi Lynn; tradução Kenya Costa. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Valentina, 2015.

256p. ; 23 cm (Trilogia Forever; 3)

Tradução de: Forever Us
Sequência de: Você para sempre
ISBN 978-85-65859-64-6

1. Romance americano. I. Costa, Kenya. II. Título. III. Série.

15-22623

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777
www.editoravalentina.com.br

Agradecimentos

Nós para Sempre, o último volume da trilogia *Forever*, é dedicado a cada um dos fãs que acreditaram em mim o bastante para torná-lo possível. Sem seu apoio e generosidade, esta trilogia jamais teria sido escrita.

Esta é minha homenagem a todos vocês! Obrigada por serem leitores tão fiéis!

Você para sempre

Denny nos levou ao restaurante, onde nos encontramos com Peyton e Henry. Eles já estavam sentados num reservado quando chegamos. A garçonete nos acompanhou até lá, mas Ellery parou e ficou olhando para o reservado.

— O que foi, Ellery? — perguntei.

— Não vou caber aí nem em mil anos. — Ela fechou a cara.

Ellery estava enorme, e parecia que ia dar à luz a qualquer momento.

— Desculpe, Elle, eu devia ter pedido uma mesa. Não quero que minha afilhadinha fique espremida — disse Peyton, rindo.

Chamei a garçonete e expliquei que precisávamos de uma mesa. Ela nos acomodou imediatamente. Sentamos, e perguntei a Ellery se estava confortável. Ela olhou para mim, e caímos na gargalhada por ela não ter cabido no reservado.

— É melhor eu perder todos estes quilos extras — disse.

— Vamos começar a frequentar a academia juntos, e vou contratar um personal trainer para você — prometi.

Peyton segurou a mão de Henry e disse que eles tinham um anúncio a fazer. Estendeu a mão esquerda, exibindo o lindo anel de noivado. Ellery quis levantar depressa e abraçá-la, mas não pôde.



— Peyton, é lindo! Parabéns! — exclamou.

Levantei da cadeira, dei um beijo em Peyton e apertei a mão de Henry.

— Parabéns para os dois, e que tenham uma vida maravilhosa juntos. — Fiz um brinde, e todos erguemos nossos copos de vinho, com exceção de Ellery, que ergueu o de água. Ela se virou para mim e me olhou como se estivesse tentando descobrir algo.

— Você sabia, não sabia? — perguntou.

— Sabia o quê?

— Que Henry ia pedir Peyton em casamento, e não me contou. — Ela me fuzilou com os olhos.

Sorri, e foi o bastante para que ela entendesse que eu sabia.

— É claro que sabia. Quem você pensa que foi com ele comprar o anel? — Comecei a rir.

— Puxa, Connor, como você pôde esconder isso de mim?

— Talvez porque era uma surpresa e, como te conheço, sabia que teria ligado para Peyton e contado a ela sobre o anel.

— Não teria, não — teimou Ellery.

— Teria, sim, e depois teria dito a ela para fingir que estava surpresa — insisti, dando um beijo no seu rosto.

Peyton olhou para Ellery.

— Ele tem razão. Provavelmente nós teríamos feito isso.

— Eu, com certeza, teria — confessou ela finalmente, revirando os olhos.

A garçonete trouxe nossos pratos. Olhei para Ellery, que não estava comendo com o apetite de sempre, apenas remexendo o frango com o garfo.

— Você está bem, amor? — perguntei.

— Estou ótima, querido, só meio sem fome. — Ela sorriu, virando-se para mim.

Henry e eu ficamos conversando sobre esportes, enquanto Peyton e Ellery trocavam ideias sobre o casamento. O jantar foi agradável, e estávamos em companhia de grandes amigos. Eu não podia ter desejado uma noite melhor. Pedi mais uma rodada de bebidas e sobremesa para todos. A garçonete tinha passado a noite inteira paquerando a mim e a Henry. Quando trouxe as sobremesas, aproveitou para roçar os seios em mim.


— Com licença — disse Peyton. — Vi o que você acabou de fazer, e não pense que não notei o que passou a noite inteira fazendo. Esse cara aí, em quem você acabou de roçar os seios, é casado e está prestes a ser pai, e este aqui é meu noivo. Se a mulher dele não estivesse para dar à luz, ela já teria dado um chute no seu traseiro. Portanto, deixe os nossos homens em paz e vá procurar alguém que não seja comprometido.

A garçonete fuzilou Peyton com os olhos, e então os cravou em Ellery.

— Assino embaixo de tudo que ela disse — falou Ellery sem rodeios.

A garçonete deu as costas e se afastou, furiosa. Henry segurou a mão de Peyton e começou a rir. Ellery pôs a mão na minha perna e a apertou. Olhei para ela, que me encarava fixamente.

— Connor, minha bolsa d'água acabou de estourar. Está na hora — disse.



Capítulo 1 ∞

ELLERY

*C*onnor olhou para mim como se não compreendesse o que eu acabara de lhe dizer.

— O que foi que você disse? — perguntou.

— Minha bolsa d'água estourou, Connor. Nossa filha está chegando. Precisamos ir para o hospital — respondi tão devagar quanto podia.

Ele se levantou depressa da cadeira e me ajudou a levantar da minha, olhando para Henry e Peyton.

— A bolsa d'água dela estourou. Está na hora! — exclamou.

Peyton se levantou depressa e correu para mim, enquanto Henry permanecia calmo.

— AH, MEU DEUS! Henry, o que devemos fazer? — perguntou Peyton, em pânico.

— Calma, todo mundo — respondeu ele. — Ellery, você já está sentindo alguma dor?



— Não, ainda não.

— Tudo bem. Vamos para o meu carro, e levamos você para o hospital. — Henry sorriu.

Connor passou o braço pelo meu ombro e me ajudou a sair do restaurante. Antes de chegarmos ao carro de Henry, parei abruptamente e me dobrei de dor.

— PUTA MERDA! — gritei.

Connor parou comigo e pôs a mão na minha barriga.

— Está tudo bem, amor. Inspira e expira, como aprendemos no nosso curso.

Concordei com a cabeça, fazendo o que ele dissera, e a dor começou a passar. Henry e Peyton nos disseram para esperarmos enquanto traziam o carro. Quando Henry parou no meio-fio, Connor abriu a porta e sentei no banco traseiro. Ele fechou a porta e deu a volta até o outro lado. Entrou, sentou ao meu lado, pegou o celular e ligou para Denny. Quando desligou, me puxou para si.

— Mal posso acreditar que nossa filha está chegando — disse, dando um beijo na minha cabeça.

Encostei o rosto no pescoço de Connor, quando outra contração começou. A dor era insuportável, ainda pior do que os tratamentos de câncer, algo que eu não achava ser possível. Connor segurou minha mão, me dizendo várias vezes para respirar. Jurei que ia perder a cabeça se dissesse mais uma. Peyton toda hora se virava e olhava para mim do banco da frente.

— Você está bem, Elle?

— Pareço estar, Peyton? — respondi, trincando os dentes.

Demoramos uma eternidade para chegar ao hospital. Assim que chegamos à Emergência, Henry pegou uma cadeira de rodas e Connor me ajudou a sair do carro. Eu só tivera duas contrações, e já estava rezando para que aquilo acabasse. Connor me empurrou para o hospital e Henry nos levou até a Unidade Neonatal. Parando diante do balcão daquele andar, informou meu nome à atendente e ela nos levou até meu quarto. Em seguida, me entregou um robe hospitalar e disse que a enfermeira já viria.

Vesti o robe, que me era tão familiar. Enquanto Connor me ajudava, Peyton e Henry saíram do quarto. Senti outra contração chegando, e

mordi o lábio, meus olhos se enchendo de lágrimas. Uma enfermeira entrou no quarto e olhou para mim e Connor. Era a enfermeira Bailey. Ela me deu um sorriso e se aproximou, fazendo um carinho na minha mão.

— É bom ver você de novo, querida. — Virou-se para Connor. — Você ainda é o amigo?

Connor abriu um largo sorriso, respondendo:

— Não, agora sou o marido.

A enfermeira Bailey sorriu, concordando.

— Muito bem. Fico feliz de ver que as coisas deram certo para vocês dois. Tinha certeza de que dariam.

Virou-se para mim, me prendendo ao monitor fetal.

— Quem diria, você vai ter um bebê! — Sorriu.

Tentei retribuir seu sorriso, mas outra contração já começava. Mordi o lábio com força e Connor apertou firme minha mão. Peyton e Henry voltaram ao quarto, e Peyton correu até meu lado.

— Mandei uma mensagem para o pager do seu médico, mas ainda não recebi resposta — contou Henry.

— Quem é o seu médico, querida? — perguntou a enfermeira Bailey.

— Dr. Keller! — gritei, morta de dor.

— O Dr. Keller teve uma emergência familiar ontem e precisou sair da cidade por alguns dias. O assistente dele, o Dr. Reed, está cuidando dos seus pacientes. Vou ligar para ele — avisou ela, fazendo um carinho na minha mão e saindo do quarto.

A contração terminou, e tive a sensação de que podia respirar novamente. Connor sentou na beira da cama e deu um beijo nos meus lábios.

— Te amo — sussurrou.

— Também te amo — sussurrei.

Henry se aproximou e explicou como o monitor fetal funcionava. Mostrou em que ponto a contração começava, quando atingia o pico e quando terminava. Connor observou o aparelho, parecendo intrigado. Peyton e Henry saíram do quarto para buscar um café e me trazer lascas de gelo.



— Não é uma coincidência incrível que a enfermeira Bailey esteja me atendendo?

— É sim, incrível. Fico feliz que seja ela.

— Eu também. — Sorri.

— Olha aqui os batimentos cardíacos da nossa filha — disse ele, apontando para um número no monitor fetal.

Sorri, observando a tela, quando outra contração começou. Segurei a mão de Connor, cravando as unhas na sua pele. Se me senti mal por fazer isso? Não, a dor que eu podia me infligir não era nada comparada com a dor do parto.

— Respira, amor. — Ele sorriu para mim, passando a mão pela minha testa.

Peyton e Henry voltaram para o quarto com uma xícara de lascas de gelo. Ela pegou uma e começou a esfregá-la nos meus lábios.

— Talvez isso te ajude a se sentir melhor — disse.

— A única coisa que vai me ajudar a me sentir melhor é tirar essa criança de dentro de mim!

A enfermeira Bailey voltou e disse que precisava me examinar. Henry e Peyton saíram novamente do quarto, e Connor sentou na beira da cama ao meu lado, segurando minha mão. Ela explicou que precisava ver o quanto eu já estava dilatada. Quando terminou, olhou para mim, apertando os lábios.

— Hum, a dilatação está só com um centímetro. Você disse que a bolsa d'água estourou quando estava no restaurante, não?

— Sim, eu estava sentada à mesa no restaurante quando ela estourou — respondi.

A enfermeira Bailey olhou fixamente para Connor.

— Por acaso vocês não fizeram sexo hoje, fizeram?

Connor e eu nos entreolhamos.

— A culpa é sua! — falei.

— Minha? Foi você quem me convidou para tomarmos um banho juntos antes de irmos para o restaurante.

— Fique calma, Ellery. Tudo vai dar certo. Não quero que se preocupe — disse a enfermeira Bailey, saindo do quarto.



Algumas horas se passaram, e eu não fizera muito progresso. As contrações só pioravam, e a enfermeira Bailey saiu do quarto, a fim de ligar para o Dr. Reed. Henry estava de olho no monitor fetal, e Connor também.

Eu estava deitada de lado, e Connor passou uma toalha úmida na minha testa. Mais uma contração tinha chegado ao fim. Soltei um longo suspiro e fechei os olhos. Senti Connor me dar um beijo na testa, afastando meus cabelos para trás.

— Se prepara, Elle. Vem mais uma aí — disse ele, observando o monitor.

— Por que você tem que ficar me avisando, Connor?! — gritei.

— Quero que você fique preparada para poder controlar a respiração. Não quero que seja pega de surpresa.

Cada parte de mim queria matá-lo naquele momento. A dor das contrações estava se intensificando, e eu me sentia como se meu corpo fosse rasgado em dois. Como sempre, ele tinha razão, e outra contração começou.

— Respira, Elle. Vamos, amor, respira fundo.

— Connor, acho melhor você parar, ela está ficando pê da vida — interveio Peyton.

Comecei a gritar de dor. Tinha prometido a mim mesma que não seria uma *daquelas* mulheres, mas, no momento, não estava dando a mínima. Não importava quem me ouvisse, nem o que pensasse. Connor ainda me dizia para respirar, e essa foi a gota d'água.

— Se me disser para respirar mais uma vez, juro que vou castrar você, Connor Black! — gritei.

Ouvi as gargalhadas de Peyton, e Connor olhou para mim.

— Puxa, Elle, não precisava dizer isso.

— O que não precisava era você ficar me fazendo sentir ainda pior do que já estou me sentindo. Não quero saber quando outra contração está chegando! Não quero que me diga para respirar! Sei que está tentando me ajudar, mas tudo que preciso de você, amor, é silêncio.

Connor olhou para mim, segurando meu rosto.

— Desculpe, amor. Não tive intenção de...

— Eu sei que não teve, Connor — interrompi-o. — É que está doendo demais, e eu quero que isso acabe.



— Eu sei que quer, e mal posso esperar para ver nossa filha. Ela vai ser linda como a mãe — disse ele, sorrindo.

Uma lágrima me escorreu do canto do olho quando outra contração começou, a pior de todas até então. Olhei para Henry.

— Por favor, Henry, me dá uma peridural. Por favor, estou implorando.

— Ellery, não posso. Você ainda não está dilatada. Desculpe — disse ele, balançando a cabeça.

Eu queria morrer. Essa criança estava me estraçalhando por dentro e eu tinha a sensação de que havia algo errado. A enfermeira Bailey entrou e disse a Henry que o Dr. Reed lhe pedira para ligar quando minha dilatação chegasse aos cinco centímetros. Connor suspirou, levantou-se da cama e foi até Henry.

— Por quanto tempo ela vai ficar assim? — perguntou.

— Cada mulher é diferente, Connor. É difícil dizer. A dilatação ainda nem chegou a três centímetros. Isso pode continuar por mais vinte e quatro horas.

— O QUÊ?! — exclamei.

Peyton segurou minha mão e começou a esfregá-la.

— Não se preocupe, Elle. Estamos aqui para te ajudar a enfrentar isso.

Connor se virou e olhou para mim. Inclinou a cabeça e me deu um sorrisinho, vindo sentar na beira da cama.

— Se eu pudesse dar à luz no seu lugar, daria. Detesto te ver sentindo tanta dor — disse, segurando minha mão e levando-a aos lábios.

— Eu te amo, Connor — sussurrei, fechando os olhos, e me preparei para a próxima contração.

— Também te amo, Ellery.